

BUSCA POR UMA METODOLOGIA DE PESQUISA EM POÉTICAS VISUAIS

Hélio Renato Silva Brantes

heliobranter@gmail.com

Mestrando em Cultura Visual - Minter UFG-Unimontes

ISSN 2316-6479

Resumo

Este artigo objetiva identificar os caminhos no desenvolvimento de uma pesquisa em artes, na linha de Poéticas Visuais, de abordagem qualitativa, definindo características conceituais como subsídios para coleta de dados capazes de vincular estes fundamentos a partir de referencial teórico bibliográfico e de pesquisa de campo com a utilização de um diário de *atelier* relacionado ao dever do trabalho artístico.

Palavras-chave: Poéticas Visuais, metodologia, diário de *atelier*.

Abstract:

This article aims to identify the ways for developing a research in the arts, in visual poetic line, of qualitative approach, defining conceptual characteristics as subsidies for data collection that links these fundamentals from the theoretical literature and field research with the use of a diary of study related to creations that might come of the artwork.

Key-words: Visual Poetics, methodology, diary of study.

Introdução

Tanto nas funções de professor universitário assim como mestrando, na área de Artes Visuais, podemos perceber as dificuldades que passa um pesquisador e suas dúvidas sobre como realizar uma pesquisa na área. Afinal, usualmente, uma tarefa com metodologias consolidadas à pesquisa é em seu rigor científico, pauta por princípios positivistas, ligada às pesadas análises de dados, tabulações e a árdua pesquisa bibliográfica.

Entrecruzando a área das ciências humanas (LANCRI, 2002), reflete-se o quanto pesquisa em poéticas visuais, considerando as artes plásticas nos seus princípios práticos, busca nivelar lado a lado a cátedras reverenciadas como História da Arte ou a Estética, às “disciplinas que visam um avanço do conhecimento e que, quanto a seus métodos, se esmeram notadamente em manipular conceitos em vez de pinceis ou tesouras?” (LANCRI, 2002, p.19)

O início dos trabalhos com pesquisa suscita enfrentamento e dedicação, como conferimos nas reflexões de Gonsalves (2001), através de estudos e

pesquisas, superando as primeiras barreiras em que frequentemente precisamos desconstruir muitas ideias já consolidadas, e mesmo assim o caminho da pesquisa não se apresenta como tarefa fácil, mesmo na orientação dos alunos, e nitidamente na área de artes visuais buscando um viés à sua pesquisa. (Gonsalves, 2001, P.10)

Observa-se que na universidade, muitas vezes, a metodologia científica apresentada nos cursos de licenciatura em artes e nas especializações, onde muitas vezes pelo fato dos professores não terem formação na área de artes visuais, não vislumbram especificidades da pesquisa no universo das artes visuais, o trabalho do artista, a prática de ateliê e os âmbitos por que se instauram a obra de arte.

Como comprovamos o processo de pesquisa, diante de seu vasto universo, para Gonsalves (2001), geralmente causa urna sensação incômoda: “a pesquisa é compreendida como aquele trabalho difícil, que o aluno não tem a menor ideia de como se começa”. (GONSALVES, 2001, p.10)

A escolha por uma metodologia

Entendida como o caminho e o instrumental próprios ao elencar aspectos do real, voltando ao pensamento de Gonsalves (2001), a metodologia engloba teorização, abordagem e inventividade, porém numa posição teórica e que deve ser explicitada. Considera-se, assim, evidenciar o quanto você está se aproximando do seu objeto de estudo, compreendendo como você pretende abordá-lo: qual procedimento foi escolhido e por que ele é o mais adequado? (Gonsalves, 2001, p.62)

Pesquisa em arte, em virtude do caráter conceitual, porque constitui a cultura *humana*, intui a adoção do método de pesquisa qualitativa. O método qualitativo difere, em princípio, do quantitativo à medida que não emprega um instrumental estatístico como base do processo de análise de um problema. A pesquisa qualitativa, inicialmente criticada nos meios científicos em detrimento do predomínio positivista pelo enfoque da pesquisa quantitativa, balizada em resultados validados em dados verificados precisamente. A pesquisa qualitativa, advinda das áreas sociais, busca na amostragem a coleta de dados abertos, a análise de textos ou de imagens enfatizando o aprofundamento da análise e o exercício da intuição e da imaginação, volta-se ao sensível.

...a representação de informações em figuras e em quadros e a interpretação pessoal dos achados informam procedimentos qualitativos. Advindos de exemplos extraídos da fenomenologia, da teoria fundamentada, da etnografia, de estudos de caso e da pesquisa narrativa. (CRESWELL, 2010, p. 21)

Inicialmente para dominar essa relutância de encarar esses caminhos da pesquisa, certamente precisamos estar abertos à interpelação por novos caminhos e propostas, no aprofundando do tema, percebendo simplesmente como a degustação nessa direção pode ser saborosa e de contentamento, e o quão próspero pode se apresentar o campo da pesquisa também para as artes visuais. “É preciso ter como premissa o pensamento de que, mais a frente, você poderá emergir num espaço que pode ter como característica principal a alegria da descoberta. E isso só depende de você!”. (Gonsalves 2001, p. 10)

Mesmo encontrando o caminho metodológico da pesquisa em artes visuais, corre-se o risco de concluir nossa pesquisa sem estarmos envolvidos com o tema, muitas vezes por não conseguir afastar-se de uma visão ortodoxa da metodologia e perdendo-se aquela aproximação necessária de quem tem uma ideia prévia do terreno escolhido e assim desenvolver o tema fluentemente, transformando a pesquisa em uma penosa cruz a se arrastar. Como Gonçalves (2001) transcorre, “se você optar por buscar nesse caminho paisagens agradáveis, não tenha dúvida: o seu trabalho será muito mais interessante”. (GONÇALVES, 2001, p. 11)

Mesmo adequando nosso censo de vocação prática das artes visuais, para êxito de todo trabalho, devemos considerar nosso comprometimento, principalmente porque a investigação científica requer precisão, método, cautela, enfim, uma postura e busca de eficácia indispensável no dia a dia. Pesquisar, voltando ao pensamento de Gonsalves (2001), não é impraticável apesar de extenuante e trabalhoso. Ao decidir por um trabalho de pesquisa científica, você se depara com a necessidade de tomar algumas decisões. Por exemplo, você precisa definir o que vai estudar, que tipo de abordagem vai fazer, que recursos metodológicos vai utilizar. O que pode orientar você diante de tantas decisões?

O ponto de partida do projeto de pesquisa, sem dúvida, está relacionado à premissa da organização.

Quando resolvemos seguir um caminho ou fazer uma viagem, o primeiro passo, geralmente, é fazer um planejamento. O projeto de pesquisa é uma expressão escrita desse planejamento, é o documento que revela uma série de decisões que você tomou para seguir viagem. (GONSALVES, 2001, p. 11)

A escolha do campo de artes visuais suscita uma busca de investigação do conhecimento, numa área peculiar relacionada às restrições de acesso à bibliografia específica, atualizada em torno de temas dos processos em poéticas contemporâneas ou metodologias na área, aportadas porquanto pelas singularidades da prática artística. O estudo das artes visuais, hoje, abre-se a uma nova visão, resultado dos desdobramentos e conquistas vigentes advindos

dos Estudos Culturais, Reino Unido na década de 1950¹, o vasto campo da Cultura Visual...

...é bastante inclusiva, pois incorpora as belas-artes juntamente com a extensa gama de imagens vernáculas e midiáticas, imagética eletrônica contemporânea e toda a história da imagética produzida e utilizada pelas culturas humanas. (DUNCUN ,2011, p.20)

Ducum, (2011), reflete como precisamos ter em mente, sob os novos paradigmas, a associação da cultura visual a uma postura ampla.

Na atualidade, em afirmação de Martins, 2006, percebe-se uma requalificação ideológica, conceitual, política e imagética coincidente com uma reestruturação de métodos e temáticas abraçados pela cultura visual, buscando entender sua abrangência, portando uma atitude de um novo olhar trazendo sua contribuição de melhor entender o mundo e nossas convivências, questionando a tradicional produção de imagens e autoridade. “Essas novas formas de perceber, sentir e pensar subvertem conceitos e trazem implicações epistemológicas e políticas para as práticas visuais e para o modo como elas são tratadas nas instituições acadêmicas.” (Martins, 2006, p.6)

Esses novos caminhos impulsionaram novas configurações do entendimento promovendo a pesquisa em artes e cultura visual, referendando uma metodologia diferenciada das práticas usuais nas universidades e estudos específicos. Esse olhar, como bem descrito por Sandra Rey, (1996), promove, mesmo dentro dessa faixa de estudos, variações que atendem as suas singularidades. Contempla o estudo “sobre” arte, orientada à pesquisa de história, teoria e crítica de arte, vislumbrando a obra de arte já constituída, sua significação e reverberações, em que se diferencia do trabalho de pesquisa em poéticas visuais, distinguindo-o como “pesquisa em arte” que gira em torno da pesquisa, segundo a prática processual e elaboração do artista

Pesquisa *em* arte, ênfase de Poéticas Visuais, delimita o campo do artista-pesquisador que orienta sua pesquisa a partir do processo de instauração de seu trabalho plástico assim como a partir das questões teóricas e poéticas, suscitadas pela sua prática. (REY. 1996, p.81)

Essa averiguação se abre a análise do processo do trabalho que está por vir, nos registros o que influenciam o trabalho em arte, toda a expectativa do que vai ser criado, seus meandros e seus descaminhos suscitam possibilidades...

1 Os estudos culturais se originaram no Reino Unido na década de 1950 como um campo interdisciplinar oriundo dos estudos literários e históricos.

Disponível em: http://www.each.usp.br/estudosculturaais/?page_id=24 Acesso em: 16/03/ 2013

O processo de criação e a “pesquisa em arte”:

Em seu conteúdo e o modo como se apresenta a arte contemporânea, podemos perceber além da diversidade muita controvérsia. Esse clamor por liberdade demanda avaliações constantes, o que pode auxiliar numa direção durante o processo de criação em arte.

O trabalho voltado para a pesquisa de artistas, desenvolvido na pós-graduação, adota o seguinte pressuposto de base: os fundamentos conceituais do trabalho de arte são indissociáveis dos procedimentos técnicos. [...] O artista segue ou inventa um certo número de regras que lhe permitem criar uma visão de mundo singular (REY, 2008, p.10 e 83)

É, pois, através de gestos, ações e métodos, não provenientes das palavras, que se dá a elaboração da obra pelo artista. Aspectos tais quais a escolha de uma base, aparato, cor, configurações, tamanho, seu ferramental e plástica, são evidenciados, resultando o objeto, materializado em sua concretude, independente da defesa da obra pelo artista e de qualquer texto. “Como, então, pensá-la como pesquisa, dentro dos critérios acadêmicos? Reconhecê-la em sua especificidade e o primeiro passo. Não tentar «lê-la», mas vê-la em seus elementos materiais próprios. Situa-la em seu lugar”. (CATANI, 2002, p.26)

Podemos observar que no trabalho artístico, na constatação de REY (2008), os procedimentos instauram concepções durante sua elaboração, e, consequentemente a pesquisa no campo conceitual pode alterar os procedimentos. A essência da obra amadurece numa oscilação através uma troca e dialogo entre teoria e desempenho. (REY, 2008, p.21)

Em todas as etapas do processo de elaboração pelo artista, comenta Catani (2002), a análise teórica, a investigação e o método são apetrechos auxiliares na elaboração da obra. Convém observar, comenta Catani (2002), as aproximações e o afastamento entre as ações do autor do trabalho artístico e de quem “pesquisa em arte”. “Nem todo artista será pesquisador no sentido estrito da palavra, embora a pesquisa em artes plásticas pressuponha uma práxis artística. Embora, tanto para o artista como para o artista-pesquisador em artes plásticas, o pensamento visual predomine”. (CATANI, 2002, p.40)

Na busca de métodos próprios, cada artista tem suas características pessoais predominantemente intuitivas, em métodos de trabalho, como série de operações, nem sempre numa busca consciente, fazendo um paralelo tal e qual uma chuva de idéias, uma “*brainstorm*”, uma das ferramentas da qualidade total usada nas empresas. Em sua concepção o artista em seu ambiente de criação produz de maneira intuitiva própria, numa sucessão de atos.

A produção da obra vai se dando por meio de uma sequência de gestos e, ao se acompanhar um processo, vão se percebendo certas regularidades no modo de o artista trabalhar. São leis de seu modo de ação, com marcas de caráter prático. São gestos, muitas vezes, envoltos em um clima ritualístico. (SALLES, 1998, p.62)

Para o artista, o fazer artístico é limitado ou flui simultaneamente em seu confronto com a matéria, suas contingências e alternativas. Sua intenção, em seu corpo “bailarino” ou corpo “coreógrafo”, se concentra em atos sequenciais intuitivos, liberando as possibilidades em um movimento extremamente vívido de ação e reação que impele ao desdobramento da obra.

O processo criativo é palco de uma relação densa entre o artista e os meios por ele selecionados, que envolve resistência, flexibilidade e domínio. Isso significa uma troca recíproca de influências. Esse diálogo entre artista e matéria exige uma negociação. (SALLES, 1998, p.74)

No processo de instauração da obra, as ferramentas tais como pincel, cinzel ou mouse são como um prolongamento do corpo do artista que age em consonância com um processo pessoal, numa espécie de semiconsciência, que resulta em traços exatos, pinceladas certeiras, frutos da vivência pessoal, visão de mundo e experiência de vida diária do artista.

O diário de campo

A efetivação da criação artística juntamente com um trabalho escrito (LANCRI, 2002) solidifica e amadurece o processo caracterizando-se pelo entrelaçamento de ações. Esse é um dos princípios de uma dissertação em artes visuais, quando se consegue fundir, mesclar, unir teoria e prática. “um pesquisador em artes se utiliza do limite do trabalho entre o conceitual e sensível, entre teoria e prática, entre a razão e o sonho”. (LANCRI, 2002, p.19)

A escolha da alternativa de pesquisa pelo método qualitativo, descrito por Gonçalves, 2001, é validado por sua vocação de pesquisa em arte, diferindo da pesquisa quantitativa de preceitos positivistas que se orienta por tabulações e medidas exatas. A pesquisa qualitativa pauta-se pela interpretação dos significados da investigação, justifica-se, sobretudo, por ser uma forma adequada para entender a natureza de um projeto artístico de resultado humano. (Gonçalves, 2001, p.68)

Fontes pessoais válidas representadas em cartas, memórias e autobiografias como reminiscência são citadas por Gil (2010), juntamente com a prática do diário de bordo, apesar de sua cautela positivista. O registro do diário de campo se estabelece na ocasião dos acontecimentos, nos registros dos fatos (GIL, 2010, p.151).

Durante a pesquisa em artes, como indicação metodológica, o artista conviverá com duas instâncias de pensamento, no interstício entre a prática de ateliê, sua análise, desafios, surpresas, labor, o registro num diário de atelier e o diário de campo, em sua reflexão crítica e registro de um processo sensível. “Seu discurso verbal não será mais ou menos verdadeiro do que outros, mas só ele poderá trazer determinados elementos sobre sua reflexão plástica, que enriquecerão e desvelarão aspectos da mesma”. (Catani, 2002, p.41) Contraponto ao equivocado pensamento de que a obra fala por si, o artista desvenda seu trabalho e suas conquistas. A imersão nesse processo reflexivo possibilita um crescimento ao artista.

Se a prática do diário de campo atende as demandas de estudos sociais, Gil (2010), o uso dos diários no estudo da física, num paralelo proposto por Catani (2002), se aproxima da pesquisa em artes à medida que o produto está por vir tanto quanto o estudo avança. Pesquisando sobre metodologia usada nas dissertações em artes visuais, uma busca aleatória apontou o trabalho de Sérgio Moraes, Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, FAV/UFV, que cita o diário de ateliê numa pesquisa em gravura. Na busca encontramos também um trabalho do Instituto Federal do Ceará – Campus Fortaleza, Machado (2011), de análises e comentários da prática de diários de campos dos alunos em uma pesquisa de caráter visual. (Catani, 2002, p.40; Gil, 2010, p.151; MACHADO, 2011, p.2)

Comprova-se a assertividade da adoção dessa metodologia para a coleta de dados na dissertação de Sérgio Moraes(2006), FAV/UFV, adotada em sua pesquisa, qualitativa, sendo o diário de campo denominado pelo autor como diário de ateliê, prática de anotação de dados, registro etnográfico onde se desenvolve o trabalho. “Com o auxílio deste documento que contém anotações, registros, fotos e gravações, o artista-pesquisador realiza uma reflexão sobre sua prática e busca compreender o intrincado percurso da produção das imagens.” (Moraes, 2006, p.3)

Recentemente sobre a prática do uso dos diários de campo no Projeto Galileia, Campus Fortaleza, segundo Machado (2011), constatou-se a validade da coleta de imagens e anotações pessoais que integram a criação conforme “aspectos metodológicos dos processos que se desenrolaram para a produção da mesma e acessam o território da crítica, oferecendo respostas para as perguntas, que até então, não eram possíveis de formulação”. (MACHADO, 2011, p.7)

Nos relatos pessoais de diários de ateliê, confirma Salles (1998), comprovaram-se registros da satisfação proporcionada no devir da obra ou nas descobertas de caminhos até ali improváveis, citando apenas algumas passagens. Nesses registros, o pesquisador artista, durante sua produção, procura, intuitiva-

mente, preservar esses instantes fugazes, porém férteis, sensível a sua efemeridade. Concretizando-se assim nos diários de bordo, diários de ateliê, cadernos de anotações ou notas...

...que acolhem essa forma sensível no primeiro suporte disponível sensações que carregam idéias ou formas em estado germinal. Esses documentos agem como “reservas poéticas” que podem oferecer a possibilidade de resgate desses efeitos (SALLES, 1998, p.62)

Registro vivo de um processo de criação, esses escritos podem ser observados repetidas vezes, como podemos conferir, numa casualidade a ser refletida, interpretada e considerada dentro dos estudos em arte, em suas características particulares.

Considerações finais

O projeto de pesquisa em arte tem, na implementação de um diário de ateliê, um momento importante na coleta de dados, porém, o pesquisador há de conscientizar que a análise das informações coletadas é apenas mais um passo a ser dado com cautela diante das características desta averiguação.

No processo de diagnóstico, o diário de atelier ou diário de campo, é uma ferramenta que influencia o trabalho, conquanto suscita interpretações simultâneas a seu processo de registro. Deduz-se que a busca de uma resposta a respeito da metodologia de pesquisa em artes, tem na prática do uso do diário de campo, uma evidência considerável de tornar-se recurso capital, não como um procedimento único, todavia como um dos instrumentos eficazes na pesquisa, assim como os dados do referencial teórico. A resposta da pesquisa passa por esse instrumento nas análises dos textos, na interpretação dos signos, representados por croquis e esquemas, captando o intento do artista, inferindo na comparação para a elaboração e suas intenções plásticas dos caminhos percorridos aos resultado finais da produção do artista pesquisador.

Deduz-se também que diante dessa averiguação sobre os processos de pesquisa em artes, as indicações dos especialistas sobre o modo de configuração da investigação no desenvolvimento do fazer artístico, promovem sua contribuição tanto para o crescimento do artista pesquisador quanto para o amadurecimento das concepções do fazer para o artista plástico.

De outro modo, sob o olhar da interdisciplinaridade, não podemos deixar de registrar como essa metodologia de pesquisa em arte e suas buscas pode contribuir significativamente para um aprimoramento e melhor entendimento de pesquisas em arte, conquanto em outras áreas afins, na pesquisa de campo,

nas práticas de atelier, como por exemplo, moda, design, arquitetura, nas engenharias e outras áreas que encontrarem essa afinidade, abrindo essa racionalização como opção aos trabalhos de pesquisa.

REFERÊNCIAS

CATTANI, Icléia Borsa. *Arte Contemporânea: o lugar da pesquisa*. In: BRITES, Blanca e TESSLER, Élide (orgs). O meio como ponto zero. Metodologia da pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 2002. Disponível em: < http://leglesspider.files.wordpress.com/2012/02/o_meio_ocr_9mb1.pdf > acesso em 09/03/2013

CRESWELL, John W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. John W. Creswell; tradução Magda Lopes; 3.ed.- Porto Alegre : Artmed, p.21, 2010.

DUNCUM, Paul. *Porque a arte precisa mudar o que podemos fazer*. En: MARTINS, R.; TOURINHO, Irene (Orgs.). Educação da Cultura Visual - conceitos e contextos. Santa Maria/RS: Editora da UFSM, p. 20, 2011

GIL, A.C. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, p.151, 2010

GONSALVES, Elisa Pereira. Conversas sobre iniciação à pesquisa científica. Campinas: Alínea, p. 10-62, 2003.

LANCRI, Jean. Coloquio Sobre A Metodologia da Pesquisa em Artes Plásticas. In: BRITES, Blanca e TESSLER, Élide (orgs). O meio como ponto zero. Metodologia da pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, p.19, 2002. Disponível em: < http://leglesspider.files.wordpress.com/2012/02/o_meio_ocr_9mb1.pdf > acesso em 09/03/2013

MACHADO, Gilberto Andrade et all, *Comunicação de pesquisa impressões, dúvidas e surpresas: analisando diários de campo em uma pesquisa visual*. Instituto Federal do Ceará – Campus Fortaleza. p. 2-7, 2011. Disponível em: < http://www.faeb.com.br/livro/Comunicacoes/impressoes,duvidassurpresas_analisandodiarios > acesso em 24/02/2013

MARTINS, Raimundo. Visualidades: *Revista do Programa de Mestrado em Cultura Visual / Faculdade de Artes Visuais / UFG. – V. 4, n.1 e 2. – Goiânia-GO: UFG, FAV,p.6, 2006. Disponível em: < www.fav.ufg.br/culturavisual/download.php > acesso em 29/07/2012*

MORAES, Sérgio Antônio Penna ; CLÍMACO, José César Teatini de Souza.

Computação gráfica: impressões investigativas, p.3, Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás FAV/UFG. Disponível em: < http://www.ufg.br/Conpeex/2006/porta_arquivos/posgraduacao/0448138-SérgioAntonioPennadeMoraes.pdf > acesso em 18/03/2013

REY, Sandra. A dimensão crítica dos escritos de artistas na arte contemporânea. Pós: Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes. v. 1, n.1, maio 2008. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, p. 8-15. Disponível em: < www.eba.ufmg.br/revistapos/index.php/pos/article > acesso 30/02/2013

REY, Sandra, *Da prática à teoria – três instâncias metodológicas sobre a pesquisa em poéticas visuais*, PortoArte, PortoAlegre, v.7, n.13, p.81-95, nov.1996. Disponível em: < http://www.tamanduadesign.com.br/estetica/aula_15/pesq_poetica_sandra_rey.pdf > acesso em 23/02/2013

SALLES, Cecília Almeida. *Gesto inacabado: processo de criação artística*.

São Paulo: Fapesp; Annablume, p. 62-74, 1998. Disponível em: < <http://books.google.com.br/books?isbn=857419042X> > acesso em 23/02/2013

Minicurrículo

Hélio Renato Silva Brantes é professor da Universidade Estadual de Montes Claros, Mg, Curso de Artes Visuais, Professor nas Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Santo Agostinho É especialista em História das Artes, Unimontes, cursa o Mestrado em Cultura Visual, Minter UFG-Unimontes. É Arquiteto, concluiu graduação em Arquitetura e Urbanismo - Faculdades Integradas Silva e Souza em 1984, Rj. É Artista Plástico.